

UM MORTO

RUBEM BRAGA

Os que há algum tempo fazem o favor de ler o que escrevo, sabem como sou contrário ao trato, na imprensa, de assuntos que se ligam à vida íntima de alguém. Acho que nem a paixão pessoal nem a política justificam isso.

Tendo resolvido comentar a atitude agora assumida pelo coronel Dilermando de Assis, não me afasto dessa linha. Pelo contrário: venho somente, como já fiz de outras vezes, trazer o meu apêlo aos colegas de profissão que dela se desviam para agasalhar, em suas colunas, matéria tão lamentável. Estou certo de interpretar o sentimento dos setores mais representativos da imprensa e da literatura brasileira ao manifestar o profundo mal-estar e o vivo desgosto que está causando a publicação em um vespertino carioca das memórias e explicações do coronel Dilermando de Assis com referência, a Euclides da Cunha.

Esta minha crônica é publicada, no Rio, no jornal que é, precisamente, de todos os órgãos da imprensa brasileira, o mais lido por oficiais do Exército. Sei, de meu trato com muitos desses oficiais, o quanto é estimado o coronel Dilermando de Assis, pelas suas qualidades de militar e de homem, entre seus companheiros de farda. Venho por isso mesmo apelar para os oficiais superiores, que lhe são mais próximos, no sentido de demover o coronel Dilermando de sua intenção de continuar, na imprensa, o trato de um assunto tão penoso.

Segundo tudo o que sei, o coronel Dilermando de Assis, ao matar Euclides da Cunha e seu filho,

agiu sempre em legítima defesa. Isso foi reconhecido pela Justiça, e de ambas as vezes ele foi absolvido. Não consigo compreender o motivo pelo qual, tantos anos decorridos, e sem nenhuma provocação, ele vem a público para atacar as suas vítimas.

Se a fatalidade o levou a privar o Brasil de um de seus espíritos mais altos e de um de seus patriotas mais profundos, seria exagêro lhe pedir, para sua vítima, a simples homenagem cristã do silêncio? Seria exagêro lhe pedir que não viesse agora dizer, sobre o caráter e a personalidade de Euclides da Cunha, essas coisas lamentáveis que está dizendo? Coisas desse teor íntimo não se deve dizer publicamente de um vivo — e definitivamente não se dizem de um morto, que nem sequer deixou quem o pudesse defender.

Recusamo-nos, por isso, a aceitar esse retrato de Euclides que nos oferece agora o homem que seria o último a ter o direito de julgá-lo. Não conhecemos pessoalmente o coronel Dilermando de Assis nem nos supomos no direito de fazer qualquer julgamento sobre sua pessoa. O que lhe pedimos não é muito: que respeite um morto. Esse morto pertence ao Brasil, que nele venera um dos seus maiores e mais infelizes servidores.

Pensamos bastante antes de escrever esta crônica; e nos sentiríamos mal com a nossa consciência se, por comodismo, fôssemos calar este protesto. Sabemos perfeitamente o quanto é delicado este assunto e a ele não desejamos de forma alguma voltar. Junto com o nosso protesto, deixamos aqui um veemente apêlo ao coronel Dilermando de Assis para que cesse essas publicações. Elas são, por todos os motivos, um desserviço ao Brasil, porque afligem os espíritos e despertam, antes de mais nada, um indizível e profundo mal-estar.

2.9.49

226